

APRESENTAÇÃO

José Carlos Felix (Pós-Crítica/UNEB - Campus IV)
Mauren Pavão Przybylski (Pós-Crítica/UNEB – Campus II)
Álvaro Baquero Pecino (The City University of New York/College of
Staten Island)

O volume 7, n.1 da Revista Pontos de Interrogação, tem como tema Intermidialidade e literatura: as possibilidades da narrativa na contemporaneidade e foi organizado pelos professores Dr. José Carlos Felix (Pós-Crítica/UNEB - Campus IV), Dra. Mauren Pavão Przybylski (Pós-Crítica/UNEB – Campus II) e Dr. Álvaro Baquero Pecino (The City University of New York/College of Staten Island).

O dossiê temático pautou-se no argumento de que a revolução tecnológica dos últimos dois séculos afetou profundamente o modo pelo qual os sujeitos se inscrevem no mundo. Enquanto a modernidade erigiu as bases de uma tradição literária estreitamente pautada no domínio da escrita, afastando-se assim de uma tradição de narrativa oralidade séculos, a sociedade e a cultura contemporânea são marcadas por uma tônica que confere à literatura uma gama de possibilidades, particularmente mediada pelo ambiente hipermidiático. Nesse movimento em que todas as formas e expressões literárias se articulam por diversos intercâmbios, cabe observar como ela se desloca e se traduz na sintaxe de plataformas contemporâneas e tecnológicas de expressão artística. Partimos do entendimento de que a literatura passa por um processo de apropriação e adaptação constante com inflexões em os domínios da vida e da arte. Nesse sentido, compreende-se que as novas mídias, ao se apropriarem das narrativas, contadas por meio oral, escrito ou visual, demonstram como estas estão cada vez mais presentes no imaginário coletivo de toda e qualquer sociedade e serão sempre motivadas a se reapresentarem no processo contínuo e renovado. Entendendo aos moldes de Harvey (1992), que a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais são o marco do pensamento pós-moderno, pretendeu-se acolher artigos e ensaios que discutissem a produção literária em sua relação dialógica com outros campos inter e transdisciplinares.

Destarte, o artigo que abre este número, intitulado Intermidialidade e uma aproximação interdisciplinar entre literatura e videoarte, de autoria de Fernanda Paixão, analisa a interface interdisciplinar entre a poética de Edgar Allan Poe em “Aventuras de Arthur Gordon Pym” e o vídeo *The Passing*, de Bill Viola. A autora relaciona a possibilidade interpretativa e comparativa entre literatura e videoarte, tendo como pano de fundo a intermidialidade, a partir de teóricos como Jakobson, Bachelard, Barthes, Cluver, entre outros. Ainda dentro desta perspectiva, em *Georges Perec e a Intermidialidade: A criação literária a partir de imagens*, Tatiana Barbosa Cavalari pretende refletir sobre as relações de intermidialidade na criação literária do escritor francês Georges Perec. Considerando que a ilustração *The art of living*, de Saul Steinberg inspirou um dos seus livros mais importantes, *La vie mode d’emploi*, e tendo em vista o trabalho de parceria com fotógrafos, ilustradores, cineastas, o qual resultou em novas experiências artísticas Cavalari reflete, partir de Barthes, a intermidialidade não mais como uma “redução do texto à imagem”, mas enquanto uma “amplificação de um em relação ao outro”.

Por outro lado, Danielle Fullan, no artigo *A adaptação transcultural em Os Sete Afluentes do rio Ota de Robert Lepage*, aborda a obra deste autor, conhecido uma escrita que transita dentre os diferentes dispositivos midiáticos e manifestações artísticas. Trazer a peça *Os Sete Afluentes do Rio Ota*, significa, para a autora desta reflexão, significa dar ênfase a uma obra que é produto intermediário por excelência, sobretudo com o diálogo que estabelece com a ópera *Madama Butterfly*. O objetivo de Fullan é, portanto, analisar a relação entre as narrativas, tomando como base a adaptação transcultural proposta por Hutcheon (2006).

Já Helena Cecilia Carnieri Staehler, em *As vanguardas no teatro visual de Robert Wilson*, evidencia a afluência de inúmeras correntes artísticas tanto das artes cênicas quanto da literatura, pintura, escultura e do cinema, num diálogo intermediário constante na obra do diretor teatral Robert Wilson. O artigo se pretende enquanto um breve panorama da obra de alguns criadores, tais como: Antonin Artaud, Adolphe Appia e Gertrude Stein, artistas que, segundo a própria autora, formaram, em sua modernidade, as bases do que seria aprofundado no contemporâneo. A ideia do texto é, mais do que abordar a criação de Wilson, refletir sobre seus predecessores.

Em *Orlando e Mrs. Dalloway* e a reconfiguração da narrativa de Virginia Woolf na tela, Carlos Augusto Viana da Silva examina os aclamados romances da escritora inglesa a fim de identificar marcas que apontem para o processo de reconfiguração da narrativa literária para o meio audiovisual.

Sabendo que, dado momento de sua vida, a escrita de Woolf foi fortemente influenciada pelo cinema, o artigo busca princípios teóricos tanto sobre o romance moderno e narrativa cinematográfica para deslindar os procedimentos tradutórios no processo de reconstrução das dimensões literárias para as telas do cinema. Nesse sentido, o papel criativo e até mesmo autoral das diretoras Marleen Gorris (*Mrs. Dalloway*, 1997) e Sally Potter (*Orlando*, 1992) são considerados como elementos fundamentais no processo de recriação literária.

Partindo de uma questão análoga ao texto anterior, os impasses no câmbio entre o narrador verbal da literatura para o narrador visual do cinema, em particular a câmera, o artigo *De narrador a narrador: uma análise acerca da adaptação narrativa em Johnny got his gun*, de Dalton Trumbo, de Paulo Henrique Raulino dos Santos e Charles Albuquerque Ponte, examina os meandros desse intrincado processo de transposição do narrador a partir da adaptação cinematográfica do romance *Johnny got his gun*, de Dalton Trumbo (1971). Por meio de uma meticolosa leitura cerrada do filme, os autores demonstram que, a despeito das diferenças estéticas, a adaptação cinematográfica se mostra bem-sucedida ao transmutar o narrador do romance para o narrador câmera do livro, empregando recursos técnicos típicos do cinema como a construção de planos e a fotografia.

Ampliando ainda mais o escopo, e por consequência, as implicações nos processos de interseções entre mídias, o artigo *The raven*, de Edgar Allan Poe: o poema, suas traduções e recriações, de Fernando Martins Fiori, traz um instigante e minucioso estudo acerca dos processos que envolvem a tradução e transposição de um texto literário, seja pelo câmbio entre idiomas diferentes ou entre meios distintos. Para essa tarefa, Fiori toma o singular poema *O corvo* (*The Raven*), poeta, ensaísta e contista estadunidense, Edgar Allan Poe, para examinar tanto as traduções do poema para a língua portuguesa quanto de sua transposição para outros dois suportes: a xilogravura e o cinema. Nesse sentido, autor aponta como as xilogravuras feitas por Gustave Doré (1884) e

inspiradas no sombrio poema de Poe possuem uma forte influência no filme, com o mesmo título, dirigido por Charles Brabin (1915). Em relação ao filme de Brabin, Fiori considera que, para além da sua relação intertextual com o poema de Poe, o diretor recupera elementos inovadores das xilogravuras de Gustave Doré, os quais são reconfigurados por meio dos enquadramentos e elementos demise-en-scène. O resultado dessa teia de relações é a constatação de que a miríade de traduções do poema, cada uma em seu tempo, circunscreve as marcas de um tempo passado ao mesmo em que projeta para um futuro, o contexto tecnológico do objeto traduzido.

Tomando como o objeto de escrutínio parte da produção poética de Ni Brisant, o artigo Aspectos editoriais da poesia spoken word: os dicionários paratópicos de Ni Brisant, Pedro Alberto Ribeiro Pinto, apresenta algumas reflexões acerca do fenômeno conhecido como poesia falada (spoken word) e das batalhas de poesia (poetry slams) no contexto brasileiro hodierno.

Pautado em uma perspectiva tanto dos estudos discursivos quanto das materialidades da cultura, o autor elabora uma potente hipótese de leitura sobre como os processos de envolvidos na declamação e nos registros dos poemas convertem-se em práticas discursivas de caráter editorial, as quais, por sua vez, assinalam uma imbricada relação entre textualidades e a autorias típicas do fenômeno contemporâneo denominado de cultura de conversão ou da conexão. No cerne dessas relações, o autor aponta a própria reconfiguração dos conceitos de fala e literatura, na medida em que da aproximação entre ambas, emerge uma gama de possibilidades de interação entre escritores e leitores que, ao mesmo tempo em que partilham os mesmos textos, borram as circunscrições que delimitam as fronteiras entre uma enunciação de ordem literária e a “produção que fala sobre” aquela. Do mesmo modo, o apagamento entre fronteiras é o mote do artigo O processo de criação de Longe das aldeias, romance de Robertson Frizero, de Julia Barbosa Dantas. De maneira ousada, Dantas investiga de maneira inusitada o processo criativo da experiência de criação de um artista, sem perder de vista os percalços redutores inerentes ao próprio processo de crítica. A fim de evitar cair nas armadilhas de um reducionismo retóricos, que tendem a aprisionar uma obra dentro de um emaranhado de interpretações limitadores, a autora, constrói um texto híbrido que resiste em si a uma limitação de gênero textual

homogênea, literalmente um ensaio livre que visa a aproximação com a obra *Longe das aldeias* com o intuito de parcimoniosamente adentrar nas origens do processo criativo, nas técnicas narrativas empregadas pelo escritor e nos desafios da criação das personagens. Como resultado, a autora presenteia o leitor com uma imersão na subjetividade de um escritor singular, possibilitando ao menos um vislumbre dos meandros de sua criação artística.

Por fim na última seção trazemos duas entrevistas e uma resenha. Na primeira entrevista, realizada por Ana Elisa Ferreira Ribeiro, o Prof. Dr. José Luis De Diego (Universidad Nacional de La Plata, Argentina) nos traz questões de extrema importância acerca da edição e circulação de livros, traduções e literatura no contexto argentino, que também pode ser aquelas que se tem no ambiente brasileiro. De Diego enfatiza, segundo a própria entrevistadora, a força interdisciplinar dos estudos em edição em contraste com a debilidade institucional no campo, até mesmo com certa dificuldade de algumas instituições compreenderem o que se está fazendo e propondo.

Já a segunda, feita por Gleica Helena Sampaio Machado Macedo, traz uma interessante conversa com quadrinhista e ilustrador Mario Cau, que, entre inúmeros trabalhos na área dos quadrinhos, ilustrou a premiada adaptação de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis para os quadrinhos, e que foi vencedora do prêmio Jabuti em 2013, em segundo lugar na categoria “ilustração”, em terceiro lugar na categoria “Livro Didático e Paradidático”. Na entrevista, Cau revela a sua interlocutora os impasses e desafios de transpor para uma mídia visual as complexas das estruturas sintáticas e jogos de palavras marcantes da prosa de Machado de Assis. Mas é sem dúvida a questão insolúvel acerca da impossibilidade da afirmação ou negação resoluta da traição que Cau considera um dos maiores obstáculos do processo de transposição de texto machadiano para uma mídia visual. Como manter tal ambivalência diante do relato de um narrador em primeira pessoa? Quais recursos utilizar para recriar uma ambiência de incertezas análoga ao texto adaptado. Esses e outras questões fazem parte do instigante diálogo entre entrevistado e sua interlocutora.

Finalmente, Fagner Costa e Silva, na resenha *O Filho de Mil Homens* e a construção da família moderna, nos instiga à leitura da obra de Valter Hugo Mãe. Costa e Silva divide sua crítica em 3 momentos: o autor, o romance

e O filho de mil homens e a construção da família moderna, o que, ao mesmo tempo em que apresenta ao leitor a trajetória do escritor português, sua versatilidade na escrita – na medida em que sua produção não está centrada só em romances, mas também em poesias e literatura infanto-juvenil, além de ser cantor de banda de rock e artista plástico - demonstra uma capacidade de Mãe de flunar pela filosofia, elegendo-a como base para uma reflexão acerca da família moderna.

Enfim, o tema desse dossiê abarca uma pletora de temas ao mesmo tempo em que aproxima pesquisadores de diversas áreas por meio de reflexões acerca dos mais variados objetos envolvidos em questões, impasses e desafios impostos pela intermedialidade. Da nossa parte, não podemos deixar de agradecer a todos aqueles que aceitaram nosso convite por meio da chamada e generosamente contribuíram para o adensamento crítico do tema proposto por meio de seus textos. A todos e todas, nosso sincero agradecimento. Ao leitor que ora tem nas mãos tão rico material e plural, fica o nosso desejo de que a leitura desse volume seja tão prazerosa e estimulante como foi para nós o processo de organização dessa chamada.

Os organizadores.